

O PROBLEMA DA GRAMATICALIZAÇÃO DAS PREPOSIÇÕES NO PROJETO 'PARA A HISTÓRIA DO PORTUGUÊS BRASILEIRO'
(GRAMMATICALIZATION OF PREPOSITIONS IN THE PROJECT 'TOWARD A HISTORY OF BRAZILIAN PORTUGUESE')

Ataliba T. de Castilho (Universidade de São Paulo, CNPq*)

ABSTRACT: In this paper I argue that grammaticalization constitute just one aspect of linguistic creativity, to which lexicalization, semanticization and discoursivization should be added. Therefore a research on the diachrony of prepositions is expected to answer questions about its lexical, textual-discursive, semantic and syntactic features, which are exemplified in the text.

KEY WORDS: *grammaticalization; prepositions; diachrony; Brazilian Portuguese*

0. Introdução

A partir do final dos anos 90, surgiram no Brasil diversos estudos sobre gramaticalização, enumerados em Castilho (2002b). No caso das preposições, devem ser lembrados Viaro (1994, 1995), Baião / Aruda (1996), Macêdo (1997), Poggio (1999/2002), sem referir aquelas pesquisas que trataram indiretamente desse processo, como Bomfim (2000), entre outros.

Num artigo-balanço sobre parte da bibliografia publicada até 1995, propus que nos argumentos sobre a gramaticalização (1) se aceitassem como fases desse processo a fonologização, a morfologização e a sintaticização, (2) se considerassem como seus princípios (i) a analogia, (ii) a continuidade e o gradualismo, (iii) a unidirecionalidade e a simultaneidade, (iv) a reanálise e, finalmente, (3) ficasse claro que a gramaticalização é apenas um dos processos de criação lingüística, sendo a discursivização, a semanticização e a lexicalização outros tantos processos, não se devendo estabelecer entre eles relações de derivação nem de determinação: Castilho (1997). Discuti posteriormente a teoria da linguagem que parece estar por trás dos estudos publicados até então, propondo uma teoria dinâmica, multissistêmica da língua, que possa dar conta desses processos: Castilho (2003).

Tomando em conta a teoria multissistêmica, propus que os funcionalistas do PHPB estudassem a gramaticalização das preposições formulando as seguintes questões, parte das quais reproduzem a trajetória das pesquisas sobre gramaticalização: (1) Propriedades lexicais das preposições: do Léxico para a Gramática; (2) Propriedades discursivas das preposições: do Discurso para a Gramática; (3) Propriedades semânticas das preposições: das categorias cognitivas para a Gramática; (4) Propriedades sintáticas das preposições: preposições introdutoras de argumentos e de adjuntos.

1. Propriedades lexicais das preposições: do Léxico para a Gramática

Tradicionalmente, entende-se por gramaticalização o trânsito de uma forma livre, menos gramatical, para uma forma ligada, mais gramatical. Como forma ligada, o item adquire propriedades sintáticas de que não dispunha previamente, sofre a alteração de suas propriedades morfológicas, reduz-se a uma sílaba, podendo então desaparecer. A seguinte escala linear (ingl. *cline*) capta essa trajetória: *Léxico > Sintaxe > Morfologia > Morfofonêmica > zero*.

Para avaliar a trajetória das preposições do Léxico para a Gramática, iniciaremos o trabalho pelo estudo de sua etimologia. Caso um mesmo étimo tenha dado origem a diferentes classes de palavras, todas as ocorrências destas serão estudadas, para se comparar os diferentes graus de gramaticalização das preposições em relação a essas outras classes. Tendo por pano de fundo essa decisão metodológica, poderemos no final da pesquisa identificar as condições da "preposicionalidade", entendendo melhor o estatuto categorial dessa classe. Como hipótese inicial, agruparemos as preposições em pelo menos três pontos em sua escala de gramaticalização: (i) as mais gramaticalizadas, isto é, as que se comportam exclusivamente como preposições (como parecer o caso de *de, em, a, para, com, por*), (ii) as medianamente gramaticalizadas (*sem, sob, sobre, até, entre, contra, desde, após*) e, finalmente, (iii) as menos gramaticalizadas (*ante, perante, durante, exceto, salvante, salvo, conforme, trás, segundo*). Essa

* Bolsa de Produtividade em Pesquisa Proc. 306319/88-8

espécie de “escala ínterna” vai dos itens mais frequentes e com maior amplitude sintática, para os itens menos frequentes, de menor amplitude sintática.

2. Propriedades textuais das preposições: do Discurso para a Gramática

Givón (1979) postulou que a Pragmática alimenta a Gramática, sustentando que por gramaticalização também se entende o trânsito das estruturas pragmáticas para a sintaxe. Tornou-se famosa sua explicação de que as construções de tópico se gramaticalizam como sujeito.

À primeira vista, parece estranho que Givón tivesse alargado a escala então vigente, para aí incluir o Discurso. Afinal, se por Discurso se entende o contrato social que estabelecemos por meio das línguas naturais, como admitir que as categorias interacionais próprias do Discurso pudessem transmutar-se em categorias gramaticais?

Essa, entretanto, não é a teoria do Discurso esposada por Givón, quando ele distingue em seu texto aqui referenciado o “modo pragmático” do “modo sintático”. Para ele, entende-se por modo pragmático o predomínio da estrutura tópico-comentário, o encadeamento vocabular frouxo e o uso reduzido da morfologia gramatical. O modo sintático, ao contrário, se caracteriza pela estrutura sujeito-predicado, pela subordinação, pela ordem rígida das palavras, e pelo uso elaborado da morfologia gramatical. O primeiro modo se documenta nos pidgins, na linguagem infantil, na linguagem falada não-planejada. O segundo modo se documenta nos crioulos, na linguagem adulta, na linguagem escrita planejada. Conclui-se que o Discurso givoniano é uma sorte de macrossintaxe que toma o texto por objeto empírico. Muitos ensaios sobre gramaticalização que adotaram esse ponto de vista versaram questões tais como a conectividade textual, a foricidade, a topicalização – em suma, as categorias comumente aceitas como textuais. Célia Maria Moraes de Castilho (com. pessoal) alertou para o fato de que o “modo pragmático” de Givón segue muito de perto a teoria sintática de indoeuropeístas e romanistas da primeira metade do século passado. Esses autores, frequentemente citados por Theodoro Henrique Maurer Jr. e Ernesto Faria, acreditavam que a sintaxe das línguas passavam por duas fases em sua história, indo de uma sintaxe aposicional ou paratática, para uma fase dependencial ou hipotática. No primeiro momento, as palavras se seguiam umas às outras, sem mecanismos gramaticais de conexão – este é o modo pragmático de Givón, o modo da “*loose syntax*”. No segundo momento, surgiam diferentes mecanismos gramaticais de conexão, tais como as flexões morfológicas, a transitividade, as preposições e conjunções – este é o modo sintático de Givón, o modo da “*tied syntax*”. Provavelmente esses polos refletem mais a variabilidade lingüística do que a mudança gramatical propriamente dita, porém não elaborarei aqui essa questão.

Devidamente filtradas, as considerações acima fornecem algumas sugestões de investigação. Assim para o estudo das propriedades textuais das preposições, formularemos as seguintes perguntas: (1) que expressões preposicionadas topicalizam o enunciado, vale dizer, que expressões fornecem o quadro de referências dentro do qual deve ser entendido o enunciado que se segue? é possível identificar as funções textuais dessas construções de tópico? (2) que expressões preposicionadas operam como conectores do enunciado? (3) houve competição entre as preposições que desempenham essas funções textuais? Uma pré-análise dos materiais revelou as seguintes propriedades textuais das preposições:

2.1 - Preposições que atuam nas construções de tópico (= CTs), identificando-se seu papel. Até aqui foram encontrados os seguintes papéis:

(1) CT modalizadora *De certo / sem dúvida, logo havendo o uniforme fica sempre o mesmo vício que se quer evitar* [SP CJ19, 1]. [hiperpredicação da sentença por modalização asseverativa].

(2) CT delimitadora (a) *Para nós*, a situação de Ruanda é igual à de Botsuana. [o conteúdo proposicional é considerado verdadeiro dentro do quadro de referências criado pela CT]. (b) *Com respeito à globalização*, eu gostaria que o senhor falasse sobre o significado da globalização no mundo moderno.

Serão consideradas CTs as expressões preposicionadas que tomam por escopo toda a sentença, e não apenas um de seus constituintes. As CTs se situam fora das fronteiras sentençiais. Isto quer dizer que distinguiremos “topicalização” (= [i] mecanismo discursivo de seleção de um tópico textual; [ii] deslocamento de constituinte para a esquerda da sentença) de “construção de tópico” (= estruturação de um constituinte extrassentençial). Adjuntos se movem na sentença, mas as CTs já são produzidas em sua

periféria. Tanto assim é que, adotado o expediente de movê-las para dentro da sentença, altera-se o significado proposicional, como se pode constatar em

(2') *Eu gostaria que o senhor falasse **com respeito** sobre o significado da globalização,*
isto é,
(2'') *Eu gostaria que o senhor falasse **respeitosamente** sobre o significado da globalização,*

que não parafraseia (2b). Neste caso, o SP está em adjunção ao SV, funcionando como um adjunto adverbial de qualidade.

2.2 - Expressões preposicionadas que funcionam como conectivos textuais:

(3) *As chuvas chegaram com uma fúria incontrolável, as lavouras foram destruídas, perdeu-se a criação. **Com isso / desse modo** os prejuízos se avolumaram, e a miséria se abateu sobre a região.*

3. Propriedades semânticas das preposições: das categorias cognitivas para a Gramática

A literatura sobre as preposições tematiza continuamente a difícil questão de seu sentido. Teriam elas um sentido de base, de que decorreriam sentidos derivados? Ou seriam completamente vazias de sentido, e a semântica das expressões preposicionadas decorreria dos termos que elas relacionam?

Nesta pesquisa, vamos hipotetizar que as preposições têm um sentido prototípico de base, que se desdobra por metáfora em sentidos derivados.

Os sentidos prototípicos das preposições correspondem às categorias semântico-cognitivas de POSIÇÃO NO ESPAÇO, DESLOCAMENTO NO ESPAÇO, DISTÂNCIA NO ESPAÇO e MOVIMENTO. A categoria de ESPAÇO poderá ser descrita em termos dos eixos horizontal, vertical e transversal, como se pode ver pelo quadro abaixo:

CATEGORIAS SEMÂNTICO-COGNITIVAS DE BASE		
POSIÇÃO NO ESPAÇO	Eixo horizontal	Origem
		Meta
	Eixo vertical	Inferior
		Superior
	Eixo transversal	Anterior
Posterior		
Conteúdo / conteúdo	Dentro	
	Fora	
DESLOCAMENTO NO ESPAÇO		+ Movimento
		- Movimento
DISTÂNCIA NO ESPAÇO		Proximal
		Distal
CATEGORIAS SEMÂNTICO-COGNITIVAS DERIVADAS	Aspecto	Imperfectivo
		Perfectivo
		Iterativo
	Tempo	Passado
		Presente
		Futuro
	Qualidade	Causa
		Modo
		Posse
		Matéria

	Instrumento
	Condição
	Finalidade
	Meio
	Beneficiário

Seria entretanto ingênuo supor que as preposições espelham perfeitamente os eixos espaciais indicados nesse quadro. Como se reconhece amplamente na literatura cognitivista, “*entre a linguagem e o mundo físico ou objetivo há um nível intermediário que nos chamamos ‘cognição’*”: Svorou (1993: 2). A criatividade humana intervém aí de diferentes modos, promovendo alterações nos sentidos prototípicos, de que derivam os sentidos de Aspecto, Tempo e Qualidade, recolhidos na parte inferior do quadro acima.

Num trabalho anterior, Viaro (1994) havia proposto várias categorias para dar conta do desenvolvimento semântico das preposições latinas em sua mudança para o português e o romeno. Ele opera com as seguintes categorias: (1) Afastamento (*ab, ex, de, sine, se(d), *an, dis-*); (2) Aproximação (*ad, usque, tenus, paene, illac*); (3) Meio (*per*); (4) Circularidade (*circum, circa, ambi-*); (5) Verticalidade (*de, *an-, au-, *ni-, infra, sub, super, sursum, deorsum, subter, subtus, supra, per*); (6) Seqüência (*ob, prae, por-, pri-, pro, ante, contra, erga, re-, pos, secus*); (7) Interioridade (*ex, in, inter, indu-, intro-, intra, foras, foris, penes*); (8) Proximidade (*apud, iuxta, cum, ad, ab, prope, cis, citra, uls, ultra, trans, longo*).

Os termos “afastamento”, “aproximação”, “meio” e “seqüência” de Viaro (1994) correspondem ao percurso horizontal, captado pelo eixo respectivo; “verticalidade”, ao eixo vertical; “interioridade”, à oposição recipiente / conteúdo. No quadro acima, ficou de fora o parâmetro de “circularidade”, gramaticalizado em português por meio das preposições complexas.

A pergunta a formular aqui é: haveria uma mudança diacrônica nessas representações? Para responder a essa pergunta, teríamos de investigar a estabilidade das preposições em sua representação das categorias cognitivas: (4.1) Que categorias semântico-cognitivas as preposições exemplificam? Que posição ou posições elas ocupam nas células do quadro matricial proposto? Houve mudança nessa distribuição? (4.2) Os usos apurados são de natureza prototípica, mais concretos, ou de natureza metafórica, mais abstratos? (4.3) Uns e outros se distribuem por igual entre argumentos e adjuntos preposicionados?

Os dados apurados no conjunto das pesquisas serão posteriormente reunidos em quadro próprio, permitindo que se compare a atuação das preposições estudadas.

4. Propriedades sintáticas das preposições: argumentos e adjuntos preposicionados

Serão considerados os seguintes quesitos: (1) Funções sentenciais das expressões preposicionadas, distinguindo-se argumentos de adjuntos adverbiais. Os adjuntos adnominais não serão considerados nesta fase da pesquisa. (2) Posição do constituinte preposicionado. (3) Elipse de preposições. (4) Troca lexical de preposições. (5) Grau zero, ou desaparecimento de preposições. (6) Conjunções sentenciais formadas por preposições.

4.1 – Funções sentenciais: argumentos e adjuntos preposicionados, posição desses constituintes na sentença, e estudo de seu movimento

Para o estudo dos lugares de figuração dos constituintes preposicionados, será adotada com pequenas alterações a seguinte representação da sentença proposta por Tarallo / Kato (1992: 321):

[...Tóp (...Suj...V...OD...OI...OBL) Antitóp...]

Na formulação acima, substituiu-se da representação original *V+FLEX* por *V*, *Co* por *OD*, *Ci* por *OI*, tendo-se incluído *OBL* para “complemento oblíquo”. Caso de trate de perífrase, *V* se desdobrará em *V¹* e *V²*. As reticências assinalam os espaços passíveis de preenchimento por adjuntos adverbiais.

Para o estudo da movimentação desses constituintes, vamos partir da hipótese de que adjuntos adverbiais preposicionados movem-se mais na sentença do que os argumentos. A pesquisa procurará correlacionar os tipos de adjuntos adverbiais e sua posição preferida, identificando quais os que se movimentam mais, e se é verdadeiro que os argumentos preposicionados têm perfil diferente. Braga e Botelho (1981) mostraram que os Adjuntos Adverbiais de Tempo [e de Aspecto] movimentam-se para a

esquerda mais que os de Lugar, Modo, Quantidade e Companhia, numa proporção de 43,5% deslocados para os temporais, e de 56,5% não deslocados para os demais:

- (4) *Naquele dia, eles me levaram...* [SP / Tempo]
 (5) *Ø Sábado e domingo eu não gosto de passar sem dinheiro.* [SP / Tempo, com apagamento da preposição *a*]
 (6) *Às vezes, ela fica em casa.* [SP / Aspecto iterativo]
 (7) *Sempre o carnaval dá mais preocupação.* [Sadv / Aspecto imperfectivo]

4.2 - Elipse de preposições

Expressões preposicionadas movidas para a esquerda elidem habitualmente a preposição. Rocha (1996) estudou os adjuntos sem cabeça no PB, concluindo que os papéis temáticos temporal, locativo e freqüentativo favorecem a elisão das preposições. Segundo essa autora, os seguintes nomes encabeçam os adjuntos sem cabeça: unidades do calendário (*dia, mês, ano, minuto, hora*), intervalos particulares do calendário (*abril, segunda, manhã, noite, dia, sábado*), nomes comuns (*tempo, vez, ocasião, férias, época*), nomes comuns ou próprios indicativos de lugar. Em outro trabalho, tratando de “*adjuntos que ocorrem à margem esquerda da sentença sem serem regidos por um núcleo visível*”, Rocha (2001: 41) dá o seguinte exemplo:

- (8) *Ø O Norte, principalmente no Amazonas e no Pará, a influência indígena é muito grande.*

O exemplo mostra a elipse da preposição *em* em *O Norte* e sua retenção quando o constituinte vem focalizado: *principalmente no Amazonas e no Pará*.

4.3 – Troca lexical de preposições

Alguns autores admitem que as seguintes preposições estão em processo de substituição no PB: *a* por *em* / *para*, *em* por *ni*, *de* por *desde*, *ante* por *diante de* e *após* por *depois de*. Como se vê, a troca lexical em alguns desses casos se dá por regramatização, fato já documentado no latim vulgar e no português arcaico (de que são exemplos sempre lembrados *de > des > desde*, que já aparece como *desde de* em textos contemporâneos, *migo > comigo*, entre outros), ou por substituição por preposições complexas, como em *ante* / *diante de*. O item que sai e o item que o substitui entram inicialmente em variação, assumindo uma das variantes um valor mais geral, e a outra um valor mais específico, até a consumação da troca lexical.

Alguns casos terão de ser examinados mais de perto. Por exemplo, há de fato substituição de *a* por *para*? Borba (1971: 133) mostra que com os verbos *ir, vir, levar, chegar, conduzir, voltar, mandar, descer*, etc., a preposição *a* indica a direção desse movimento, como em *ir ao restaurante, voltar à fazenda*, ao passo que a preposição *em* indica que o falante não está interessado em representar a direção em si, mas apenas sua inclusão no ponto de chegada, como em *ir no restaurante, voltar na fazenda*. Nova diferença entre essas preposições, ainda que em outro contexto sintático, vem apontada à pág. 142: na indicação de datas, *a* “*tem valor pontual*”, como em “*às oito horas, às nove horas*”, ao passo que *em* indica a duração, empregando-se com períodos mais longos, como em “*em agosto, em 1970*”. Borba está repercutido aqui o ensinamento de Varrão, para quem essas preposições não são sinônimas, visto que “*in forum ire*” significa “*entrar no forum*”, ao passo que “*ad forum ire*” significa “*ir a um lugar próximo ao forum*”. Pontes (1992: 25) dá exemplos em que *a* é mais geral e *em* é mais específico, quando introduzem complementos de verbo de movimento; *em* é mais geral que *ni*; *de* é mais geral que *desde*. Mollica (1996) sustenta que a variação *a* / *para* e *em* depende de características morfossintáticas do N encaixado no SP, explicando-se ainda por fatores discursivo-textuais. Morais (1999/2002) tratou do emprego da preposição *a* na introdução de SPs dativos topicalizados, com papel temático /origem/, hoje substituída por *de* como em “*a Antonio José de Babo Broxado (...) fugiu (...) um negro crioulo de idade de 50 annos*”. Como ambas as preposições trazem associado o papel /origem/, a autora explica a mudança como uma competição entre as formas, vencida por *de* quando *a* perdeu esse papel. Veja outras considerações sobre este fato no texto de Marilza de Oliveira, publicado neste mesmo volume.

4.4 – Grau zero da gramatização das preposições

Quando uma preposição A é trocada por uma preposição B, é de supor-se que A esteja morrendo. O grau zero da gramaticalização das preposições sobreviria após uma troca lexical.

Hipóteses gerativistas sobre a mudança do PB previram que alterações no quadro dos pronomes acarretariam perdas no sistema das preposições. Mollica (no prelo) notou que no português do Rio de Janeiro, entre os anos 80 e 90, prevaleceram as relativas cortadoras, o que confirma essa hipótese. Berlinck (1997, 2000 a, b, 2001) pesquisou os complementos preposicionados no português paulista do séc. XIX. Ela constatou uma diminuição progressiva da frequência de *a*, em favor de *para*, confirmando-se assim o prognóstico de Pontes (1992: 20-31). Comparando o PB moderno com o PB do séc. XIX, tal como documentado em textos de Martins Pena, Simões Lopes Neto e em anúncios de jornais, ela encontrou os seguintes valores, que falam por si:

Época/ preposição	<i>A</i>	<i>PARA</i>	<i>EM</i>
PB séc. XIX	72%	20%	8%
PB contemporâneo	4%	74%	22%

O desaparecimento progressivo de *a* deve explicar as dificuldades atuais em operar com a questão da crase.

4.5 – Conjunções sentenciais formadas por preposições

Os dados levantados até aqui mostram que as preposições, em geral acompanhadas por outras expressões, podem funcionar como conjunções sentenciais:

(9) Conjunção coordenativa: *O caipira é vadio. Vive em sua casa, mal barreada, e ali vivem, ou antes, morrem a mulher e filhos, ao desabrigo* [SP CJ 19 2]

(10) Conjunção subordinativa: *Entretanto, quem, antes de findar os dous annos, quizer pagar o valor da letra, podê-lo-á fazer mediante um abatimento (...)* [PR CJ 19 2]

(11) Conjunção correlativa: *Hoje gastamos mais do que vendemos, nossa venda é menor que a despesa (...)*. [SP CJ 19 2]. Sobre a preposição *de* nesse tipo de conjunções, Marcelo Módolo apresentará um texto nesta sessão.

Conclusões

Os pesquisadores que estão estudando as preposições de acordo com esta proposta integram a equipe paulista do PHPB, compondo-se do Prof. Dr. Mário Viaro, dos doutorandos Marcelo Módolo e Verena Kewitz, dos mestrandos Nanci Romero e dos bolsistas de IC Rafael Coelho e Tasso Augusto Campana Santos. Os primeiros resultados foram apresentados ao V Seminário do PHPB, realizado em outubro de 2002 na cidade de Ouro Preto. De um ponto de vista gerativista, desenvolvem pesquisas sobre o mesmo tema as Profs. Dras. Rosane Berlinck, Marilza de Oliveira e Maria Aparecida Torres de Moraes. Os primeiros resultados estão disponibilizados na página www.flch.usp.br/dlcv/lport. Para uma síntese do conjunto das pesquisas empreendidas no âmbito do PHPB entre 2000 e 2003, acessar www.alfal.org no vínculo “Comissão de História do Português”.

RESUMO: Argumento neste artigo que a gramaticalização representa apenas um aspecto da criatividade linguística, à qual deveriam ser acrescentados os processos de lexicalização, semantização e discursivização. Em consequência, uma pesquisa sobre a diacronia das preposições deveria responder a perguntas formuladas no interior de cada um desses sistemas. Enumero tais perguntas no corpo do artigo.

PALAVRAS-CHAVE: *gramaticalização; preposições; diacronia; Português Brasileiro*

REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS

BAIÃO, Rosaura de B. / ARRUDA, Júlia (1996). Gramaticalização de *até*. In M. Martelotta / S. Votre / M.M. Cezário (Orgs. 1996: 251-260).

- BERLINCK, Rosane de Andrade (1997). Sobre a realização do objeto indireto no português do Brasil. Com. Ao II Encontro do Círculo de Estudos Lingüísticos do Sul, Florianópolis, inédito.
- BERLINCK, Rosane de Andrade (2000 a). Complementos preposicionados. Variação e mudança no Português Brasileiro, inédito.
- BERLINCK, Rosane de Andrade (2000 b) Complementos preposicionados no português paulista do século XIX. In D.M.I Callou e M.E.L. Duarte (Orgs., no prelo).
- BONFIM, Eneida R. M. (2000). Vestígios da língua antiga na língua moderna: a preposição *por* com valor final. *Revista do GELNE* 2 (1): 17-20, 2000.
- BORBA, Francisco da Silva (1971). *Sistemas de Preposições em Português*. São Paulo: Universidade de São Paulo, tese de livre-docência inédita.
- BRAGA, Maria Luiza / BOTELHO, (1981)
- CASTILHO, Ataliba T. de (1997). A gramaticalização. *Estudos Lingüísticos e Literários* 19: 25-63, 1997.
- CASTILHO, Ataliba T. de (2001). Introdução à Lingüística Cognitiva. Relatório à Fapesp, inédito.
- CASTILHO, Ataliba T. de (2003). Reflexões sobre a gramaticalização. Seminário de Estudos Luso-Brasileiros, Universidade de Münster, inédito.
- GIVÓN, Talmy (1979). *On Understanding Grammar*. New York: Academic Press.
- MACÊDO, Anna Maria Nolasco de (1997). *Locuções Prepositivas na Constituição Histórica da Língua Portuguesa*. Salvador: UFBA, Dissertação de Mestrado.
- MARTELOTTA, Mário / VOTRE, Sebastião J. / CEZARIO, Maria Maura (Orgs. 1996). *Gramaticalização no Português do Brasil: uma abordagem funcional*. Rio de Janeiro: Tempo Brasileiro.
- MOLLICA, Cecília de M. (1996). A regência variável do verbo *ir* de movimento. In: G. M. de Oliveira e Silva e M.M. P. Scherre (Orgs. 1996). *Padrões Sociolingüísticos*. Rio de Janeiro: Tempo Lingüístico.
- MOLLICA, Maria Cecília (1995). *De que falamos*. Rio de Janeiro: Tempo Brasileiro/ Departamento de Lingüística e Filologia da UFRJ.
- MORAIS, Maria Aparecida Torres (1999/2002). Rastreamento aspectos gramaticais e sociohistóricos do Português Brasileiro em anúncios de jornais do século XIX. Em T. Alkmim (Org 2002: 69-126). *Para a História do Português Brasileiro*, vol. III: Novos Estudos. São Paulo: Humanitas.
- OLIVEIRA, Marilza de (2001). A preposição nos grupos verbais: séc. XIX. Comunicação do IV Seminário do PHPB, Teresópolis.
- POGGIO, Rosaura Maria Galvão Fagundes (1999/2002). *Processos de Gramaticalização de Preposições do Latim ao Português. Uma abordagem funcionalista*. Salvador: Editora da Universidade Federal da Bahia [tese de doutoramento defendida em 1999].
- PONTES, Eunice (1992) *Espaço e Tempo na Língua Portuguesa*. Campinas, Ed. Pontes.
- ROCHA, Maura Alves de Freitas (1996). Adjuntos sem cabeça no português do Brasil. In: A. T. de Castilho e M. Basílio (Orgs. 1996). *Gramática do Português Falado*. Campinas: Editora da Unicamp / Fapesp, vol. IV, pp. 341-376.
- ROCHA, Maura Alves de Freitas (2001). *Adjuntos e Adjunções em Fronteiras de Constituintes no Português do Brasil*. Campinas: Unicamp, tese de doutoramento.
- SVOROU, Soteria. (1993) *The grammar of space*. Amsterdam/ Philadelphia, John Benjamins.
- TARALLO, Fernando / KATO, Mary et alii (1992). Preenchedores em fronteiras de constituintes. In R. Ilari Org. (1992). *Gramática do Português Falado*. Campinas: Editora da Unicamp, vol. II, pp. 315-356.
- VIARO, Mário Eduardo (1994). *Das Preposições Latinas às do Português e do Romeno: derivações semânticas*. São Paulo: Universidade de São Paulo, Dissertação de Mestrado.
- VIARO, Mário Eduardo (1995). Sobre a presença de *tenuis* no Ibero-Romance. *Confluência* 4: 269-277 [Assis, Faculdade de Ciências e Letras].